



Origens

2015 | ano 02 | nº 03

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

FIM DO MUNDO

Muito além de explosões,
catástrofes ou pragas

O olhar das crianças

O apocalipse paulistano

Lições de superação

FACULDADES RIO BRANCO

WTCOM.COM.BR



Campus Lapa

Diário de Notícias
MELHORES
UNIVERSIDADES
2015
EDITORA Abril

Jornalismo	★ ★ ★ ★
Pedagogia	★ ★ ★ ★
Rádio e TV	★ ★ ★ ★
Direito	★ ★ ★ ★
Produção Editorial	★ ★ ★ ★
Relações Internacionais	★ ★ ★ ★
Publicidade e Propaganda	★ ★ ★ ★
Relações Públicas	★ ★ ★ ★
Sistemas de Informação	★ ★ ★ ★
Administração	★ ★ ★ ★



Campus Granja Vianna

GRADUAÇÃO

ADMINISTRAÇÃO
CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DESIGN
DIREITO
EDITORIAÇÃO (PRODUÇÃO EDITORIAL)
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
JORNALISMO
PEDAGOGIA
PUBLICIDADE E PROPAGANDA
RÁDIO E TV
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
RELAÇÕES PÚBLICAS
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

GRADUAÇÃO EM 2 ANOS

COMÉRCIO EXTERIOR
GESTÃO COMERCIAL
GESTÃO DE RH
LOGÍSTICA
MARKETING
PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
REDES DE COMPUTADORES

- PROVAS TRADICIONAL E AGENDADA
- USE SUA NOTA DO ENEM



PRAVALER
CRÉDITO UNIVERSITÁRIO
ASSIM FICA FÁCIL

ÔNIBUS GRATUITO
VEJA ITINERÁRIOS NO SITE

FORTE NO ENSINO.
FORTE NA ESTRUTURA.

 **Faculdades Integradas**
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

CAMPUS LAPA - AV. JOSÉ MARIA DE FARIA, 111
CAMPUS GRANJA VIANNA - ROD. RAPOSO TAVARES, 7200 (KM 24)



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo,
Relações Públicas e Rádio e TV
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de
Comunicação Social, Editoração,
Design e Publicidade e Propaganda
Profº Me. Paulo Durão

Reportagem, edição e revisão
Professoras Responsáveis
Profª Ma. Renata Carraro
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Editoração
Vivian dos Santos

Estagiário de Publicidade e Propaganda
Igor Simplicio

Foto da capa
Banco de Imagem Thinkstock

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

Fim do mundo em pauta

Não só de apocalipse, dilúvio, explosões e terremotos sobrevive a nossa noção de “fim do mundo”. A ideia pode ser traduzida, ainda, por perdas profundas ou transformações drásticas no “mundo de cada um”, por comportamentos destrutivos tanto no plano individual quanto na esfera coletiva e, por que não, pode evocar também o seu oposto: o fim que sinaliza um recomeço, um ciclo que se fecha, outro que se inicia. Nesta 3ª edição da revista *Origens*, os alunos de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco exploram a diversidade em torno do tema “fim do mundo”, em um mergulho que se pautou pela criatividade, pela originalidade e pela pesquisa.

Na matéria que abre esta edição, as repórteres Camila Barbieri e Jacqueline Altopiedi apresentam o fim do mundo na visão das crianças. Giovana Meneguim e Nathan Rodrigues debatem a mobilidade urbana em “Apocalipse paulistano”. Já Flávia Mendes, Luciana Natel e Mariana Penteado mostram que preconceito é coisa “do fim do mundo”. Na reportagem especial, as repórteres Camila Ramires, Gabriela Alencar e Mariana dos Santos apresentam, de maneira acessível, explicações científicas para o fim do mundo.

O jornalista e vencedor do Prêmio Jabuti, Klester Cavalcanti, em entrevista a Fernanda Clas e Ingrid Alves, conta que acreditou que estivesse diante do fim quando esteve preso na Síria. Já as repórteres Camila Santos, Caroline Marques e Nathália Moraes mostram que um diagnóstico de câncer não representa o fim do mundo e apresentam, ainda, histórias de famílias em busca constante por parentes desaparecidos. Fechando a edição, Raphael Paulino aborda as possibilidades de recomeço nas vozes de dois ex-presidiários.

Percurso iniciado, fica aqui o convite para que o leitor acompanhe, nestas páginas, os resultados desse exercício de “transformação” de pautas em reportagens, de estudantes em jornalistas.

Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento

Sumário



6 CRIANÇAS
O fim do mundo pelo
olhar infantil

9 MÚSICA
Será o fim do rock na tão famosa
"Galeria do Rock"?

12 MOBILIDADE
Ainda somos muito
dependentes dos carros

17 PRECONCEITO
Mulheres, negros e LGBTs:
chega de preconceito!

20 REPORTAGEM ESPECIAL
Teorias sobre o fim do mundo.
E aí, você está preparado?



28

PERFIL

Klester Cavalcanti – Jornalista premiado conta que chegou perto da morte na Síria



30

RESISTÊNCIA

A união pode ser a grande arma para superar a dor

34

PRESIDIÁRIOS

Ex-detentos relatam histórias de superação

36

COMO FIZEMOS?

Empenho para entender os termos técnicos das reportagens

37

CRÔNICA

Quando a cortina fechar, qual será seu último ato?



Brincando de imaginar o fim

Em entrevista descontraída, crianças apresentam sua visão sobre o fim do mundo por meio de respostas criativas e desenhos

A terra cede e o desespero toma conta dos habitantes da metrópole. Em meio ao caos, alguém observa pontos luminosos a crescerem no céu. Seriam aviões? Não, são naves alienígenas! Os invasores extraterrestres, com seus objetos voadores ultramodernos, potencializam o medo nos terráqueos. Esse é o fim do mundo? A cena descrita é digna de filmes hollywoodianos de ficção científica. Mas acredite: os roteiristas ainda não saíram da escola e têm entre cinco e oito anos.

As visões infantis sobre um possível fim do mundo surpreendem. As descrições, por vezes feitas com riquezas de detalhes, mostram que o assunto, que parece espionhoso para alguns adultos, é tratado com naturalida-



Yasmim Tavares, 6 anos

de pelos alunos que cursam os primeiros anos escolares no Colégio Gondim, localizado na Zona Norte de São Paulo.

A equipe de reportagem propôs às crianças de cinco e seis anos uma atividade lúdica, em que deveriam expressar o que pensam sobre o fim do mundo. Com lápis de cores, papel e muita imaginação, elas desenharam o que lhes veio à mente. De cenas que fariam inveja a grandes diretores de ficção à preocupações com o meio ambiente, os pequenos se mostraram mais destemidos que muita gente grande.

A crise hídrica, por exemplo, que povoou os noticiários no início do ano, foi bem assimilada pelo público infantil. Não à toa, a água é a personagem principal de



Crianças do Colégio Gondim realizando a atividade proposta pela reportagem

Foto: Camila Barbieri e Jacqueline Altopleidi



Fabiana Malandrino, psicopedagoga

muitos relatos. “O mundo deve acabar com a falta d’água, nós não teremos para beber, nem para tomar banho e morreremos com isso”, pensa Luiz Raniéri. Rebeka Santos Amaral também acredita que o mundo acabará por conta da falta do líquido. “Se a gente não economizar, a água acabará e a gente vai morrer”, declarou.

Alguns estudantes, no entanto, acreditam que é o excesso de água que eliminará a Terra. Fabrício Zavaski conta que o fim do mundo virá “em uma enchente”. Maria Eduarda Menezes concorda. Para ela, o Juízo Final ocorrerá “com a água derrebando tudo”.

Apesar da fértil imaginação infantil, as cenas mirabolantes narradas pelas crianças não são fruto apenas de suas mentes descontraídas. A psicopedagoga Fabiana Malandrino, mestre em Psicologia da Educação, explica

que a fantasia é construída com elementos da realidade, apoiada na experiência. “Percebemos que nas falas das crianças há influências daquilo que está presente na sua vida, seja um livro baseado em histórias de zumbis, ou um filme com meteoros que destroem o planeta”. A afirmação pode ser constatada quando se analisa a frequência com que a falta d’água aparece nos depoimentos dos alunos. “As escolas têm se preocupado em abordar os

conflitos presentes na vida cotidiana, dando significado ao aprendizado”, completa Fabiana.

Mas a criatividade dos pequenos não para por aí. As possibilidades de apocalipse descritas surpreendem até mesmo os mais assíduos fãs da ficção científica.

Guilherme Lanzoni pensa que “o sol vai explodir a galáxia, ‘vir’ pra Terra e vai acontecer um terremoto”. Apesar de temer a falta d’água, Jorge não descarta a chance de “o Sol ficar grande e destruir a Terra”.

Outros alunos também acreditam que o perigo vem de mais longe. Beatriz Mendes, Breno Alves, Giovanna Vilas Boas, Rafaela Santos e Steffan Silva acreditam que imensos pedregulhos cairão do espaço, “explodindo” o planeta. Luiz Henrique Soares vai além e relata um apocalipse digno de cinema: o pequeno imagina o “mundo acabando com um monte de meteoro derrebando a Terra”.

Um acidente interplanetário também povoa as imaginações de Sophia Nicacio e Amanda Tavares, que acreditam que “vai cair fogo do céu”. Stefany Ferreira pensa que “o chão vai cair, as paredes vão desmoronar e as casas vão cair”. Sua colega Nicolle Fernandes acredita na chegada de outras formas de vida: “O planeta Terra



Nicolle Fernandes, 6 anos

“Se a gente não economizar, a água acabará e a gente vai morrer”



Arthur Martins, 6 anos

tá sendo atacado por alienígenas!”, alerta. Já Arthur Martins pensa em visitantes não tão vivos assim. O garoto diz que “os zumbis atacam todo mundo e as pessoas correm com medo”.

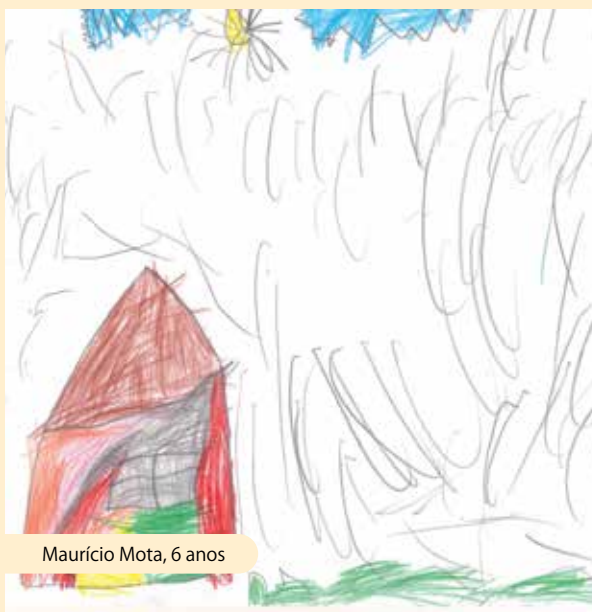
Para tranquilizar os pais preocupados com as cenas catastróficas criadas pelos pequenos, a psicóloga infantil Regina Perez explica que a fantasia é um recurso através do qual a criança elabora seus medos. “Os pais, os educadores precisam olhá-las como seres capazes de dar conta dessas questões. A partir de brincadeiras, elas tornam-se capazes de adquirir essa dimensão do que é realmente o fim do mundo. E depois, se questionadas, serão surpreendentemente originais para lidar com isso de uma maneira saudável”, completa.

Foto: Camila Barbieri e Jacqueline Altopiedi



Regina Perez, psicóloga infantil

Apesar da pouca idade, a diversidade de ideias não tem fim. Para acalmar os ânimos de quem se arrepiou com os cenários macabros, Yasmim Tavares apresenta um fim “mais natural”: “A nuvem brava, o sol bravo e eu e minha mãe sendo sugadas pelo furacão. Meu pai também”. A simplicidade de Mauricio Mota também pode ajudar. Para o pequeno, “o tempo vai desaparecer” e então, será o fim. Se você ainda não recuperou o fôlego, os últimos desenhos trazem um ar mais sutil. Os mundos de Isabelle Ferreira e Pedro se encerram com uma ajudinha do céu - “Deus vai vir buscar eu”.



Maurício Mota, 6 anos



Pedro Nunes, 5 anos



Isabelle Ferreira, 6 anos

PELA SOBREVIVÊNCIA DOS TRÊS ACORDES

Será o fim do mundo rock na Galeria do Rock?

O perfil de quem frequenta o Shopping Grandes Galerias, popularmente conhecido como “Galeria do Rock”, mudou muito desde a sua inauguração, em 1963. Ainda assim, a música sempre uniu os diferentes grupos que faziam daquele espaço seu mundo. Para alguns, porém, este universo está com os dias contados.

“A Galeria era uma caverna, era tudo o que eu podia ter naquele momento”, conta Luiz Calanca em meio a uma grande quantidade de discos. Aos 62 anos, desbocado, inteligente e com muita história para contar, ele é o proprietário de uma das lojas mais antigas da Galeria do Rock. A Baratos e Afins sobreviveu ao descaso, às mudanças de moeda e à queda do público. Calanca era farmacêutico quando precisou vender parte de sua coleção de discos para comprar o enxoval da filha Carolina, que agora trabalha com ele. Foi aí que teve a ideia de montar a loja. “Eu gostava muito de música. Apesar de trabalhar na farmácia, discotecava de fim de semana”, conta.

Segundo o proprietário da loja, a Galeria perdeu o status de referência do universo do rock. Para ele, o

“Com o teu
sonzinho
numa cápsula,
ninguém mais
ouve música em
coletivo”



Luiz Calanca, dono da “Baratos e afins”

Foto: Ingrid Alves

próprio estilo ficou “mais leve”. “A música perdeu a essência, perdeu a alma... Inclusive o ouvinte [...] Com o teu sonzinho numa cápsula, ninguém mais ouve música em coletivo.” Ele desabafa que, por conta do excesso de tecnologia, a música empobreceu e isso também enfraqueceu a relação entre as pessoas. O mundo, como ele conhecia, chegou ao fim.



Foto: Ingrid Alves

Preciososidade: *Singin' Alone*, o primeiro disco produzido por sua gravadora

Calanca acredita que grande parte desse problema seja por causa da web. “Os Titãs costumavam dizer que a televisão deixou as pessoas burras demais, eu acho que a internet deixou”, lamenta. Ele explica que no ambiente virtual as pessoas têm acesso a qualquer música, mas superficialmente. “Muita informação desinforma. [...] Nós perdemos os limites por causa da internet, tem muitas mentiras ali. [...]”

Os caras querem voltar ao regime militar... Eles nem sabem o que é regime militar! Também não sabem o que é falta de água, eles precisam sentir na pele para poder valorizar.”

Com relação à música, Calanca avalia: “Está em queda livre, indo para o fundo do poço. Vai ter que bater lá pra começar a vir de volta”. Ele acredita que os jovens admiram a nova geração “roboti-

zada” de produções, pois são as que lhe são oferecidas primeiro.

Por outro lado, o fácil acesso à informação, somado à paixão pela música, desperta o interesse dos mais jovens que, através de seus ídolos, podem conhecer “a música que emocionava com apenas três acordes”. São essas pessoas que restauram a esperança de Ca-



Foto: Ingrid Alves

Baratos e Afins: na Galeria do Rock desde 1978, é uma das lojas mais antigas do espaço

lanca. “Enquanto tiver uma tomada e uma guitarra, vai ter rock, vai ter música.” Como exemplo, cita o renascimento do punk com o Sex Pistols, quando todos acreditavam que o rock estava morto. “Nada dura pra sempre, nem estrela no céu, uma hora ela apaga (...). Eu acredito na revolução, que algo novo vai pintar e mudar tudo.”

Do enxoval às raridades

A Baratos e Afins surgiu em 1978. “Contei para minha mulher que ia abrir a loja de discos porque era de música que eu entendia. Ela foi falar com minha sogra: ‘Olha, se não der certo eu volto a morar com a senhora, porque o cara pirou mesmo’”. O cenário da Galeria era completamente diferente do que é hoje. A sujeira era enorme, mal havia como limpar. Calanca nem mesmo teve de pagar pelo ponto.

Para atrair as pessoas àquele lugar, era preciso muita propaganda. A concorrência era forte. “A [rua] 24 de Maio era a boca do disco”, lembra. Para garantir a venda, Calanca varria as lojas vizinhas e comprava discos

em ponta de estoque. Quando as pessoas procuravam por eles, vinha a recomendação: “procura na Baratos e Afins.” Ele atribui o sucesso inicial à variedade de discos, investindo e ganhando dinheiro com as raridades de seu catálogo.

Os negócios prosperaram. Além de loja, a Barato e Afins é também gravadora, e já produziu 104 LPs e 79 CDs. O primeiro álbum lançado foi Singin’ Alone, de Arnaldo Baptista, de quem Calanca é fã. Se pedir, contudo, que ele selecione seus dez discos preferidos, a resposta é automática: “Isso é muito pouco!”.

Se antigamente os discos eram escolhidos a dedo, hoje a loja atende a todo tipo de público. “Se eu quiser viver de música, não posso vender só o que eu gosto, tenho que vender o que meu cliente quer.”

A variedade de títulos é tão grande que não pode ser estimada. Certa vez, o cantor Roberto Leal comprou 28 cópias raras de seus álbuns, que não eram encontradas nem em Portugal. “Eu gosto de dizer que na loja tenho discos tão raros, mas tão raros, que é mais raro ainda achar alguém que queira eles”, brinca.



Foto: Ingrid Alves

Raridades: o investimento em artigos diferenciados tornou a loja uma referência

APOCALIPSE PAULISTANO

uma cidade sem carros

Foto: Reinaldo Meneguim

Para evitar o colapso nos transportes, a Prefeitura inova nas medidas de mobilidade, levantando o debate sobre o direito à cidade

Do alto, os corredores vermelhos que cruzam as imensas vias tornam-se cada dia mais visíveis. Nos pedaços cinzentos do chão paulistano, o fluxo nunca estanca. Pessoas de todos os cantos comentam a situação da metrópole. Semana sim, outra também, seu nome aparece nas manchetes do país. Os rumores não têm fim. Há quem acredite que, ao fim das intervenções, tudo vai se resolver. Outros, desconfiam que o problema não tem solução. Cada dia mais, o confronto se acirra. A tensão é tanta que virou caso de justiça. Entre o turbilhão de boatos, um sussurro curioso permeia as mentes: “Será que, dessa vez, o gigante vai parar?”.

O diagnóstico pede atenção. São Paulo não está muito distante de abraçar um quadro de paralisia. O título de “cidade que nunca para” não lhe cabe mais. Ela anda a passos lentos como um bolero de Ravel. Perdeu a ginga de um samba de Adoniran Barbosa. Atualmente, o que impera em suas esquinas é o ressoar de buzinas frené-

licas e estridentes. A Sinfonia estressante das horas de Rush. A metrópole tem hora marcada para deixar de correr. E mesmo com esse desalinhado concerto de todos os dias, os paulistanos não têm dúvidas: viver em uma São Paulo sem carros seria o verdadeiro fim do mundo.

O número de veículos não para de crescer: de 2013 para 2014, a frota da cidade ganhou quase 200 mil novos automóveis. Consequentemente, aumentaram os congestionamentos e os recordes de paralisação. Em maio do ano passado, São Paulo registrou 344 quilômetros de lentidão. Dado histórico, segundo a Companhia de Engenharia e Tráfego (CET). O município, que vive de superlativos, não se orgulha de sua última façanha. As vias que irrigam o gigante paulistano não dão conta do fluxo tão intenso. Em meio ao caos, a gestão municipal lançou uma alternativa para que o hipertenso coração não pare de vez.

Durante a corrida eleitoral de 2011, Fernando Haddad já afirmava que priorizaria os meios alternativos de transporte, com o intuito de aliviar o trânsito caótico de

São Paulo. A primeira cartada da Prefeitura foi a implantação das ciclovias. O plano prevê a entrega, até o final de 2015, de 400 km de faixas cicláveis. A medida, no entanto, gerou desconforto em setores da sociedade, iniciando uma intensa discussão sobre direito ao município.

“Ciclovazias”

Em algumas regiões da capital, a reação às faixas exclusivas para bicicletas foi hostil. Moradores chegaram a acionar o Ministério Público exigindo o fim da medida. Para eles, as ciclovias não resolvem os problemas de tráfego, mas representam mais um empecilho. “Ela é recheada de improvisos”, afirma o presidente do Conselho de Segurança (Conseg) de Santa Cecília, Fábio Fortes.

O projeto, analisa, foi mal planejado e a Prefeitura falhou em não consultar a população. “Esse governo diz que busca uma relação comunitária mais intensa, mas o que nós vimos foi, claramente, uma demonstração de força”, pontua. “Faltou um diálogo para que fossem estipuladas, por exemplo, áreas de carga dedicadas ao comércio e a saída de idosos, que dependem de um táxi na porta de suas casas. Não existiu um estudo”.

O presidente da Conseg conta que os moradores da região só foram procurados quando a entidade registrou, no final do ano passado, um boletim de ocorrência. “Estivemos com o secretário de Transportes, Jilmar Tatto, e recebemos o retorno de alguns técnicos”. A conversa, no entanto, não agradou a associação. “Eles disseram em alto e bom tom que tudo que foi feito ficaria exatamente como está. Não houve, por parte do Executivo, nenhuma sensibilidade com relação às reivindicações de nossos moradores”.

Fortes ressalta que os moradores das regiões nobres não estão acostumados a usar bicicleta como meio de transporte, o que explicaria o pouco uso das faixas especiais em bairros como Santa Cecília e Higienópolis. “Nos lugares em que as ciclovias deveriam ser instaladas, e que têm essa cultura, não foi instalado um quilômetro. Em Pirituba, São Miguel, no extremo sul da cidade, nos bairros mais longínquos, onde operacionalmente as pessoas já têm o hábito de andar de bi-

cicleta. Ali não foi criada nenhuma via segregada. E por que no Centro?”, questiona.

Além disso, ele acredita que a implantação das ciclovias cumpriu propósitos mais escusos. “Nos últimos 12 anos, tivemos estímulo à compra de carros, provocado, inclusive, pelo governo que o prefeito serviu. Não pense que ele, da noite para o dia, virou amigo dos ciclistas. Isso é uma bobagem. Ele tentou, com as ciclovias, dar algum verniz de ação política”, disse.

Se a intenção é aliviar o trânsito, pontua Fortes, as malhas ferroviárias seriam um investimento mais seguro. “A cidade vive um atraso nessa área. É preciso promover mais linhas para a zona leste, da zona norte à zona sul. Deveriam concentrar esforços nos trilhos, que é muito mais eficaz. Os corredores de ônibus podem até mudar, mas não resolvem o problema”.

Apesar das queixas, ele explica que não é contra o projeto e refuta a teoria de que o debate acerca da implementação das ciclovias tem cunho segregacionista. “Vim do interior, do Vale do Paraíba, e passei a minha vida inteira pedalando. Eu não tiro a importância da ciclovia, mas critico a falta de planejamento. O Haddad só conversou com ciclistas. Não houve encontros para que moradores e comerciantes pudessem sugerir alternativas mais significativas àquelas que foram usadas”.

Uma cidade para todos

Apesar dos ataques de determinados segmentos da sociedade, o projeto é defendido por grupos de ciclistas

“Não pense que ele, da noite para o dia, virou amigo dos ciclistas”



Ciclistas fazem “bicicletada” em defesa das ciclovias, na avenida Paulista



Protesto de ciclistas em São Paulo

que há anos cobram políticas públicas que reconheçam a bicicleta como meio de transporte. Através das redes sociais, militantes organizaram diversas bicicletadas (protestos a bordo de bicicletas) apoiando as medidas de Haddad.

Para o jornalista Álvaro Perazzoli, biker responsável por uma agência de comunicação especializada no ramo, o projeto contribuiu para que as bicicletas sejam mais aceitas na sociedade. “Para que a discussão sobre as bicicletas acontecesse, muitas pessoas morreram, muitas manifestações aconteceram, até que um prefeito começasse a fazer o que todos deveriam ter feito”, afirma.

Mesmo utilizando carro e transporte público, o jornalista explica que dá preferência à bicicleta por ser mais prática, não poluir e ser mais econômica. “Quando tenho pauta e estou com muito equipamento, aí eu vou de carro, táxi ou ônibus. Mas na maioria dos casos eu prefiro bicicleta pela praticidade e rapidez que ela me proporciona.”

“Eu prefiro bicicleta pela praticidade e rapidez que ela me proporciona”

O ciclista, músico e estudante Jessé Siqueira considera o projeto como um importante avanço. Para ele, as pessoas que entendem a medida como prejudicial ao trânsito não têm muita informação sobre o uso de bicicletas na cidade. “Geralmente quem pedala ou tem um mínimo de informação sobre mobilidade com bicicleta não faz essa crítica”, diz. A única reclamação fica por conta da falta de integração entre as faixas: “Às vezes eu estou pedalando em uma ciclovia e ela não tem continuação, ou tem, mas é um tanto precária”.

Outro ponto defendido pelos bikers é a melhoria do transporte público sobre trilhos. Perazzoli lembra que em São Paulo, a malha ferroviária é muito escassa, sobrecarregando o transporte rodoviário, que já rumo ao colapso. O jornalista deixa, então, seu alerta: “Tem um engenheiro que disse há alguns anos,

numa entrevista que eu fiz, que é questão de tempo para que um dia você abra seu portão e já tenha um carro parado, e você não consiga nem tirar seu carro da garagem. E acho que é isso que vai acontecer”.

“Dores da democracia”

“Se a cidade pode parar? Ela já está parada!”, exclama o professor Paulo Roberto de Camargo, doutor em Ciências Sociais na área de política. A existência da metrópole, explica, se deve à mobilidade, mas a falta de planejamento urbano prejudica a capital paulista.

“Nós temos um problema em São Paulo que é o excesso de carros”, reitera. O professor relembra que a industrialização brasileira foi calcada em cima do transporte privado e, ainda hoje, a indústria automobilística conduz nossa economia. Tal como ciclistas e motoristas, também reclama da falta de transportes sobre trilhos. “Nosso metrô entrou em circulação muito tarde, na década de 70 praticamente, e não teve continuidade”.

Camargo enxerga as ciclovias como uma alternativa ao modelo “individualista e saturado” que predomina atualmente. “São as dores da demo-



Problema não está nas ciclovias

Blogueiro do site 'Esvaziando a Mochila' analisa o trânsito de São Paulo

Foto: Tiago Caramuru



Estação de bicicletas em Munique, Alemanha

Absolutamente dependentes. É assim que Tiago Caramuru, que já visitou mais de 20 países, classifica a relação dos paulistanos com o carro. Mesmo com um trânsito "terrível e mal planejado", ele lembra que, para muitas pessoas, comprar um carro é um estágio natural da vida. "Chega uma hora em que, se você não tem um carro, acham estranho e te perguntam o porquê".

Ao comparar a capital paulista com outros locais que conheceu, Caramuru critica a escassez de transporte sobre trilhos. "A rede de metrô de São Paulo é infinitamente menor que a da Cida-

de do México ou Santiago do Chile, lugares com problemas muito parecidos com os nossos", alerta.

Apesar da situação alarmante, Caramuru não acredita que o trânsito de São Paulo vá travar. Ainda assim, avalia que é necessário rever o funcionamento não só dos transportes, mas da estrutura da cidade. "Existem hábitos que vemos como normais porque nascemos e crescemos aqui. Não é comum você saber que vai perder três, quatro, cinco horas do seu dia se locomovendo", reflete. "E aí o paulistano acha que o problema está nas ciclovias...".

cracia. Nossa cultura vem de uma matriz católica extremamente conservadora, que quer mudanças como milagres." O cientista social explica que todo processo de modificação incomoda, ainda mais quando se trata de mobilidade. "Nós vivemos em um ritmo muito intenso e as pessoas não toleram que se mexa nisso".

Quanto à ideia de que as ciclovias deveriam ser implantadas primeiro em locais periféricos, onde a bicicleta é mais utilizada, o professor rebate afirmando que o projeto deve ser executado onde há maior fluxo de pessoas: "Em todas as cidades do mundo é assim - primeiro aparece a ciclovia, depois vêm os ciclistas". Ao avaliar as reações negativas de alguns setores da sociedade ao projeto, Camargo alerta que se uma camada social prejudica os avanços na mobilidade, "há uma ideia atrasada do que é modernidade, cidadania e até mesmo democracia".

O cientista social considera o investimento em transporte público e coletivo como uma conquista no plano democrático. "O carro é um mode-

lo perigoso até no sentido de saúde pública, por conta de emissão de carbono, o estresse... É um modelo que eu espero que esteja em decadência". Mesmo atestando a dificuldade de mudanças no Brasil, o professor se mantém otimista: "Espero que esses novos projetos vingam. Eu mesmo quero ter uma bicicleta!", conclui aos risos.

Rotina ao volante

Sábado a tarde, meio de feriado prolongado. O clima morno convidava os paulistanos a escapulirem de suas



Ciclistas protestam pelo reconhecimento da bicicleta como meio de transporte

Foto: Reinaldo Merreguim

casas e aproveitarem a cidade “va-zia”. Ledo engano. Na avenida Alcântara Machado, mais conhecida como Radial Leste, o trânsito era de horário de pico. O terminal de ônibus Parque Dom Pedro II, mesmo estando a menos de 2 quilômetros dali, parecia nunca chegar. Preso no congestionamento, um passageiro desabafa: “Esta cidade não tem mais jeito”.

Essa é a sensação que toma, todos os dias, o operador de guincho leve Rafael Dias Winkler. O “tchau” à família, logo após o café da manhã, nunca vem acompanhado de um “volto logo”. O horário para iniciar o trabalho é certo; a volta para a casa, no entanto, sempre é uma incógnita. “O trânsito de São Paulo se tornou insuportável, complicado demais”, frisa.

Enfrentar o tráfego intenso da metrópole exige do motorista um preparo integral: é preciso vencer o cansaço físico e o esgotamento mental. Ainda mais no trabalho, que exige urgência de chegada. Numa tarde, Winkler cruza a cidade, de Norte a Sul, Leste a Oeste, incontáveis vezes. “Já tive problemas no estômago por causa dessa rotina estressante”, comenta.

“Esse processo de saturação ocorre diariamente na capital paulista”, atesta Jorge Tiago Bastos, doutor em Engenharia de Transportes pela Universidade de São Paulo e Hasselt University, da Bélgica. O engenheiro pondera, contudo, que muitas pessoas assentem com os prejuízos decorrentes do trânsito. “Se elas continuam utilizando o automóvel, é porque ainda aceitam as desvantagens, como congestionamentos, estresse, custos de combustível e estacionamento.”

Winkler é cético quanto à melhora do quadro. Nem a implantação das ciclovias é capaz de clarear os horizontes do motorista. “Acho que irão atrapalhar mais do que ajudar”, comenta. “O prefeito tirou uma faixa do trânsito e transformou em via para bicicleta. Agora é difícil circular porque as vias ficaram mais estreitas e é preciso ter mais cuidados por causa dos ciclistas. Para mim, até aumentam os riscos de acidentes.”

Foto: Reinaldo Meneguim



Motoristas, pedestres e ciclistas dividem espaço no coração paulistano

“Se você fala de uma cidade sem carros, não está falando de São Paulo”

Olhando pela janela de casa o trânsito que o espera ao final do horário do almoço, o operador de guincho leve diz acreditar que a construção de novos corredores de ônibus configure uma possível saída para desafogar o trânsito de São Paulo. “É a alternativa mais viável para mim. Mas, claro, depende de onde e como será feito.

Pegar uma via de duas faixas e transformar uma delas num corredor não faz sentido.

Você trava uma rua em função de um ônibus que pode não passar por ali frequentemente”, argumenta.

“A solução não está no aumento do número de vias ou aumento do número de faixas para automóveis. É uma tarefa complexa prever o comportamento das pessoas frente às mudanças no trânsito”, explica Bastos. Para

ele, os congestionamentos chegaram a níveis tão alarmantes que “podem resultar em uma mudança de comportamento, pois andar de automóvel ficou tão ruim que não há alternativa que não o transporte coletivo”, desde que seja adequado.

O noticiário mostra, mais uma vez, o tráfego caótico da cidade. Apontando para o aparelho televisivo, Winkler dá o veredicto: “Se você falar de uma cidade sem carros, não estará falando de São Paulo”. Bastos ratifica o pensamento do motorista. “Não acredito em um travamento total. Caso isso ocorra, no dia seguinte as pessoas repensariam seu modo de deslocamento.”

A CONSTANTE BATALHA PARA ROMPER COM O PRECONCEITO

Mulheres, negros e LGBTs lutam por mais aceitação na sociedade

Um negro na presidência dos Estados Unidos é o fim do mundo? Ou mulheres priorizando a carreira profissional e questionando a maternidade? E casamentos homossexuais?

As pessoas ainda convivem com situações de machismo, homofobia e preconceito racial. Entre os diversos tipos de opressões sociais, há algo em comum: ignorância e urgência de mudança. Mas será que algum dia a sociedade irá entender que as mulheres se tornaram livres e que todos são iguais, independente da cor e orientação sexual?

A presença feminina no mercado de trabalho começou a se expandir a partir da década de 1970 e progride até os dias de hoje. De acordo com o Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, as mulheres conquistaram mais espaço no setor privado e ultrapassaram os homens na participação relativa pela primeira vez. De acordo com o Cadastro Central de Empresas (Cempre), em 2013, as mulheres ganhavam 26,4% a menos que os homens. Já no ano seguinte, a diferença caiu para 25,8%.

Há pessoas que ainda consideram “o fim do mundo” mulheres exercerem uma profissão e ocuparem cargos de destaque em empresas e órgãos públicos.

A professora e pesquisadora Arlene Martinez Ricoldi, da Fundação Carlos Chagas, especializada no tema mulher e trabalho, participa da ONG feminista União de Mulheres. “Sempre achei que há desigualdade, embora



Alies Souza, coordenador da Educafro

a gente ouça o tempo inteiro na mídia, na família e na escola que ela não existe”.

De acordo com a pesquisadora, a maternidade é adiada por algumas mulheres para que seu investimento profissional resulte em uma estabilidade financeira para sustentar um futuro filho. “Não existe preocupação masculina em relação a esse assunto, pois quando os homens decidem ter filhos eles não questionam se a carreira profissional será prejudicada”.

Apesar de todas as mudanças, para Arlene, as mulheres ainda não têm apoio suficiente e convivem com retrocessos. Por exemplo, as creches que não oferecem mais educação em tempo integral para crianças de dois a quatro anos, prejudicando mães que não têm com quem deixar os filhos e precisam fazer dupla ou tripla jornada de trabalho para contratar um serviço particular.



Foto: Arquivo

Evelyn Queiroz, artista criadora da personagem Negahamburger

Uma luz no fim do túnel

A artista e ilustradora Evelyn Queiroz, também conhecida como Negahamburger, realiza um trabalho de denúncia das situações de opressão e preconceito sofrido por mulheres fora dos padrões estéticos. Evelyn criou a personagem Negahamburger, em homenagem a uma boneca que ganhou quando criança. “Na época, eu a nomeei assim, por ser linda e gorda”, explica.

Ela cria desenhos em formato grafite, aquarela, lambe-lambe, pinturas e ilustrações digitais de mulheres que se assumem como são. Evelyn diz que escolheu as mulheres como tema porque acredita que merecem mais informação e representatividade na sociedade: “A mulher é víti-

ma do machismo social desde sempre, e isso precisa mudar, pois não somos mais a geração calada. Quero mostrar às mulheres o poder que elas têm sobre si mesmas e como isso influencia na liberdade”.

Para a artista, as empresas deveriam perceber que as mulheres têm necessidades e questões únicas, e formar estratégias para que essas diferenças fossem mais respeitadas. “Nada mais justo do que uma mulher querer fazer da sua vida o que ela bem entender. Ela tem o total direito de optar pela sua carreira ao invés de tornar-se mãe, ou o contrário. Falo da liberdade de escolha”, reflete.

Em sua opinião, “fim de mundo é ainda termos que lu-



Ilustração: Evelyn Queiroz

Obra Cha2

tar pelos nossos direitos. É o medo de sair à noite sozinhas, os estupros, abusos físicos e verbais. Ainda temos chão pela frente, mas hoje ao menos consigo enxergar uma pequena luz no fim do túnel.”

População LGBT ainda sofre com o descaso social

A homossexualidade é um assunto cada vez mais abordado. Não é raro a mídia tratar de casos de homofobia, tentando conscientizar a sociedade sobre a igualdade. Ainda assim, o preconceito com o grupo LGBT continua. Os números são alarmantes. Em 2014, foram contabilizados no Brasil 326 assassinatos, mortes e suicídios de LGBTs, vítimas de homofobia e transfobia, de acordo com levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB). A média é de uma morte a cada 27 horas.

Para Adriana da Silva, uma das diretoras do grupo de Transexuais e Travestis da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT), o maior motivo da homofobia seria a ignorância e a generalização. “Se um gay é promíscuo, todos são. Se uma travesti apronta, a sociedade acha que todas aprontam. Travesti sempre vai ser tachada de ‘puta’, mesmo que queira trabalhar dignamente. Conheço várias que têm cursos de cabeleireira. Não adianta. As pessoas vão julgar da mesma maneira”, lamenta.

Em relação ao mercado de trabalho, Adriana frisa: “Eu fico com pena dessas mulheres (transgêneras) que vêm para São Paulo, achando que aqui é o paraíso, que vão ser aceitas e ganhar muito dinheiro. É só ilusão. Por falta de oportunidade, muitas entram na prostituição, depressão e nas drogas”.

O objetivo da Associação é dar apoio ao grupo e informação a quem desconhece o assunto. Aberta durante o ano inteiro, promove palestras, reuniões, debates e uma feira para arrecadação de fundos. Além disso, ampara aqueles que foram vítimas de preconceito, contratando advogados e tomando as providências necessárias para cada caso.

Muitos acreditam que relações homoafetivas são o fim do mundo. Adriana discorda: “O fim do mundo é o preconceito, o Bolsonaro, o Feliciano, esse povo que tenta de todo jeito acabar com o movimento LGBT”.

Preconceito contra negros persiste

Desde a escravidão, o negro sofre no mercado de trabalho. Na maioria das vezes não é a falta de habilidade, mas sim a discriminação, que existe em algumas empresas, que dificulta a contratação de pessoas negras.



Bandeira da Associação GLBT

Foto: Mariana Penteado

Embora a escravidão tenha acabado em 1888, somente em 1951, com a Lei “Afonso Arinos”, o racismo foi enquadrado como contravenção. No Brasil, existem duas formas de enquadramento: a injúria racial, que consiste em ofender a honra de alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem; e o crime racial, que implica conduta discriminatória dirigida a um determinado grupo ou coletividade. Considerado mais grave pelo legislador, o crime de racismo é imprescritível e inafiançável.

O coordenador do Movimento Negro do Estado de São Paulo, Alies Souza, cita alguns casos em que negros são vítimas do preconceito: “Hoje em dia o racismo é uma coisa totalmente escancarada, principalmente nos Estados Unidos. Cada dia mais vemos na mídia policiais que matam negros, simplesmente pelo ódio, raiva e a não aceitação dessa população”, lamenta.

“Na década de 1990, que referência nós tínhamos em relação aos negros na mídia? O negro jamais foi visto como protagonista”, observa Souza. “Aqui no Brasil ainda estamos galgando o merecimento de nosso espaço e respeito. Caminhamos a passos lentos, mas a população negra hoje já está muito bem encaminhada”.

Fim do Mundo!

Na perspectiva para o final da existência mundial, sete teses auxiliam a compreensão e entendimento do fim dos tempos



O mundo só acaba quando eu não existir mais, certo? Errado, meu caro egoísta. O mundo acaba quando ele quiser e pronto. Quer dizer, ele não tem consciência, o que significa que para ele fechar a última página é preciso que algo ocorra ou que nós, seres humanos, provoquemos. Isso está muito abstrato? Vamos explicar melhor. Primeiro você tem que se sentar bem confortável no sofá da vovó, pegar um cobertor bem quentinho, um café ou chocolate e apertar os cintos. A viagem vai ser longa, mas garantimos que no final você vai querer mais.

Supernova: uma ameaça luminosa

Quando olhamos as estrelas no céu, é difícil acreditar, mas esses pontinhos luminosos fazem parte de um passado. Mais precisamente, um passado de 500 anos-luz. É possível que algumas delas já estejam mortas, e mesmo assim, ainda podemos ver a luz emitida. Uma estrela vive aproximadamente 10 bilhões de anos, o que quer dizer que “o tempo que a luz leva para sair delas e chegar até nós é desprezível se comparado com o tempo evolutivo dessas mesmas estrelas”, explica o doutor em Astronomia e professor da Universidade de São Paulo (USP), Roberto Ortiz.



Foto: Camila Ramires

Roberto Ortiz, doutor em astronomia

do que o Sol), no final de sua existência, explode e vire uma supernova. E como isso acontece? Quando a quantidade de hélio presente na estrela diminui, ela começa a se contrair e esquentar gradativamente e, devido à grande pressão, explode. “Quando uma supernova explode, lança no espaço não só a matéria dela, mas também uma grande quantidade de radiação gama e raios-X”, explica o professor.

O problema é que não há como saber quando essas estrelas vão explodir, porque não é possível identificar a ação antes que aconteça. “Os sintomas de que uma estrela está prestes a esgotar o combustível nuclear estão no interior dela e não na superfície, portanto você não tem acesso”, enfatiza Ortiz.

De acordo com doutor em astronomia, além de mortífera, essa radiação caminha junto com a velocidade da luz, e, portanto, “a informação visual vem junto com os raios gama. Quando você vê, já está morrendo. A informação é simultânea. Não há como se preparar”.

Como as primeiras observações sobre os raios gama são recentes, (começaram em 1998), não é possível saber qual a intensidade dessa radiação e qual a distância que poderia causar algum dano à Terra. “Não se sabe o suficiente ainda, se não conhece a distância do evento,



Ilustração: Humberto Alencar

A explosão de uma supernova poderia extinguir a vida na terra

Mas e se essa informação de luz chegar carregada de raios gama e colocar definitivamente um ponto final na raça humana?

Calma, não é para disparar alarmes e salve-se quem puder. Para que isso aconteça é preciso que uma estrela de grande massa (grande mesmo, por exemplo, maior

não dá para fazer um cálculo exato. Tudo isso é muito impreciso”, salienta Ortiz.

De acordo com a cartilha do Observatório Nacional de 2009, intitulada “Reações Nucleares – Estrelas”, o único destino dessas estrelas de grande massa é virar uma supernova ou um buraco negro. O que significa que os astrônomos sabem da potencialidade desse tipo de estrelas, mas como enfatiza Ortiz: “Não é um perigo visto como iminente, uma ameaça real. Como um alarme de tsunami”.

Se uma explosão dessas acontecer relativamente próxima a nós, é possível que apenas um dos lados da Terra seja prejudicado e o outro permaneça intacto. “Caso haja uma explosão de uma supernova, ela pode sim lançar uma quantidade de raios gama para nós e extinguir a vida na Terra ou pelo menos uma parte dela, dependendo da área exposta ao raio”, supõe.

Para o professor de física do Museu Catavento, Pedro Almeida, uma explosão como essa só poderia acontecer a uma distância muito grande da Terra. “É provável, mas pela distância que as estrelas estão, antes de chegar a Terra, os raios já se dissiparam, já foram bloqueados de alguma forma no espaço por planetas, outras estrelas, de forma indireta, até chegar a nós”.

Como é difícil para imaginarmos o quão grande é o universo e a distância que essas estrelas estão, é complicado ter em mente que a luz demora de centenas a milhares de anos para chegar até nós. “É que para a gente, distante é ir para a China. A gente não tem noção, é muito grande”, exemplifica Almeida.

Já a Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço dos Estados Unidos (NASA) é ainda mais otimista. No artigo intitulado “What Is a Supernova?” (O que é uma Supernova?), a agência encoraja qualquer pessoa que estiver observando o céu a encontrar uma estrela de grande massa. Ao encerrar o artigo, os cientistas sugerem que não estão preocupados com essa ameaça. “Com alguma prática e o equipamento certo, você pode descobrir a próxima supernova!”

Sol: o perigo mora ao lado

Uma das causas mais prováveis para o nosso extermínio é relacionada ao Sol, estrela primordial à vida humana.

A questão é, morreremos queimados pela poderosa luz solar ou pela falta dela? Por incrível que pareça, as duas teorias são aceitas, só resta saber qual delas acontecerá primeiro.

Dos 11 bilhões de anos de idade do Sol, 4,5 já se passaram. Diferente dos humanos, as estrelas permanecem praticamente iguais durante o seu tempo de existência. Entretanto, se houver qualquer mudança com o Sol, a Terra e os outros planetas serão afetados.

Roberto Ortiz esclarece, “Basta que a luminosidade do Sol aumente em 1% para que a vida aqui na Terra esteja extinta”.

Ele afirma que os astrônomos notam mudanças de luminosidade do Sol todos os anos na ordem de milésimos, mas caso essa alteração ocorra na ordem de 10 ou 20 vezes, o mundo acabará.

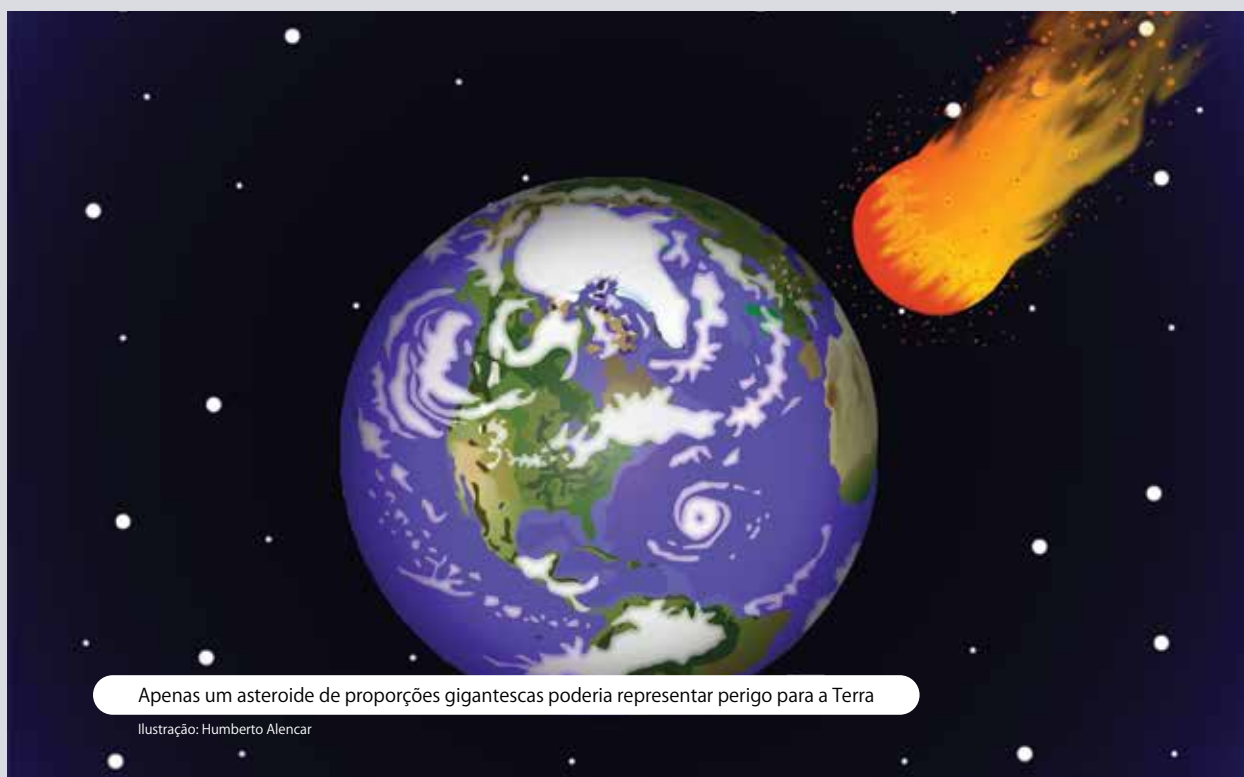
O processo de aquecimento do astro é explicado pela sua própria composição, hidrogênio e hélio. Em 90% do tempo, o Sol está processando hidrogênio que é transformando em hélio no núcleo. Depois de esgotado o hidrogênio, o Sol se expande e se transforma em uma “Gigante Vermelha”.

“Não é um perigo visto como iminente, uma ameaça real. Como um alarme de tsunami”



Foto: Mariana dos Santos

Pedro Almeida, professor de física do Museu Catavento



Apenas um asteroide de proporções gigantescas poderia representar perigo para a Terra

Ilustração: Humberto Alencar

“Depois de um tempo de vida, a estrela se expande, o combustível dela acaba e o que estiver próximo é engolido, inclusive a Terra. É um processo demorado, acredita-se que o hidrogênio dure até os sete bilhões da vida do Sol, então ainda temos tempo”, tranquiliza o professor de física.

Uma das principais interações entre o Sol e a Terra é o movimento chamado translação, em que a Terra gira em torno do Sol, mantendo um ângulo e velocidade segura para o planeta e o astro. Supondo que o Sol perca este movimento angular, a Terra, para conservá-lo, terá que se afastar da estrela. Dessa forma, o planeta se distanciaria tanto do Sol que morreríamos num frio absoluto.

“Se a Terra tiver uma interação de gravidade menor com o Sol, ela vai se afastar. Só que antes disso, ela já morreu em fogo”, alerta Almeida. Essa perda de contato pode parecer desprezível, mas caso ocorra, pode causar a morte dos seres humanos. Ortiz confirma essa tese: “Quando o Sol se tornar uma Gigante Vermelha e engolir a Terra, já não existiria mais vida humana”.

Asteroides: um impacto distante

Entre as órbitas dos planetas existem milhares de objetos rochosos chamados asteroides. Como estão espalhados pelo universo, o temor é que algum deles atinja nosso planeta.

Pedro Almeida comenta que as pessoas se assustam frequentemente com essa possibilidade, já que, quando é noticiado que um asteroide passará perto da Terra, a população não possui a exata dimensão do “perto” utilizado pelos astrônomos. “O universo é tão grande que se passar próximo do Sol está próximo da Terra”, conclui.

“Continuamente asteroides estão entrando na atmosfera, mas a maioria deles menores do que uma unha. Os maiores que um polegar são mais difíceis. Quanto maior o tamanho do asteroide, mais raro ele é. Os do tamanho de uma montanha caem a cada século”, esclarece o professor da USP.

O último asteroide de maior tamanho registrado caiu na Rússia, em fevereiro de 2013, e feriu cerca de mil pessoas. Há casos de queda de asteroides em áreas isoladas do planeta. Contudo, independentemente da intensidade e do tamanho, eles não alteram a órbita da Terra.

Além disso, um asteroide de proporções gigantescas não passará despercebido. Em 2011, a NASA anunciou que conseguiu catalogar cerca de 90% dos maiores asteroides que podem atingir a Terra. No Brasil, existe em Pernambuco o Projeto Impacton, que criou um observatório astronômico para detectar e monitorar asteroides que representam alguma ameaça a fim de alertar a população.

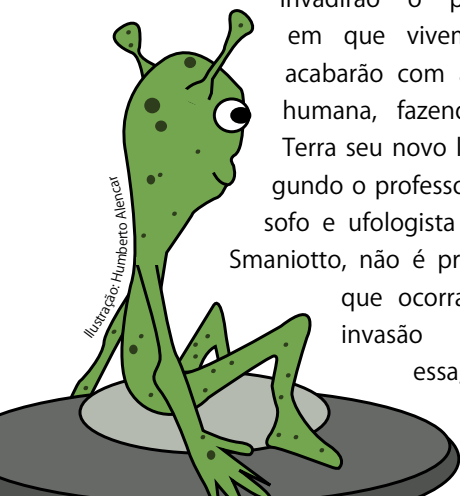
Da ficção à realidade

O desenvolvimento de tecnologias com inteligência artificial pode levar ao surgimento de uma “inteligência maior”, que seria capaz de dominar a humanidade? As tecnologias mais avançadas controlam cada vez mais a vida das pessoas, desde o despertador na hora de acordar até o controle automatizado de usinas nucleares. A questão é: podemos ser guiados por essa tecnologia com segurança?

Para Ortiz, “O ser humano gosta de um sistema que toma as decisões por ele, porque acha prático. Agora se o sistema se engana, esse erro pode ser danoso. Existem vários níveis de riscos, todos os sistemas são automáticos”.

Pedro Almeida discorda dessa teoria. “Tem uma possibilidade, mas eu descarto, pois estes sistemas operacionais nos obedecem. É mais fácil que homens matem uns aos outros, do que uma inteligência maior surgir e exterminar a vida humana”, alerta. Não é possível determinar se essas tecnologias podem se tornar independentes e incontroláveis.

Se essa inteligência não vier do homem, ela pode vir de outra raça. A teoria da invasão alienígena defende que seres extraterrestres invadirão o planeta em que vivemos e acabarão com a vida humana, fazendo da Terra seu novo lar. Segundo o professor, filósofo e ufologista Edgar Smaniotto, não é provável que ocorra uma invasão como essa, mas



Inteligência artificial, avanço ou perigo?



caso ocorra, não será em busca de colonização e domínio de território. “Gosto de pensar que civilizações avançadas, que tenham tecnologia para chegar à Terra, já tenham um desenvolvimento ético compatível e, portanto, serão pacíficas”. Smaniotto acredita que as pessoas estão mais preparadas para isso do que imaginam.

Entretanto, é necessário que saibamos aceitar que não somos as únicas formas de vida. “Precisamos difundir mais os gêneros literários como a ficção científica, que certamente educa os seres humanos para pensarem a si mesmos como habitantes do universo, que compartilhamos com outras espécies, e não apenas como entidades singulares e únicas”, finaliza o ufólogo e autor do livro *A Fantástica Viagem Imaginária* de Augusto Emílio Zaluar: ensaio sobre a representação do outro na antropologia e na ficção científica brasileira.

Se você soubesse que o mundo iria acabar em dois dias, o que faria?

Mauricio Tassoni, 19, estudante de matemática

Tentaria correr atrás de todas as pessoas que amo para me despedir. Gostaria de usar LSD porque tenho curiosidade e comeria tudo o que gosto.

Caroline Norberto, 22, jornalista

Passaria todo tempo possível com a minha família, comeria as comidas saborosas, tomaria meu último porre e gostaria de estar dançando nas horas finais da Terra.

Ramon Chaves, 25, fotógrafo

Eu tentaria juntar meus amigos e levá-los todos à praia. Essas 48 horas eu procuraria estar acordado, para aproveitá-los ao máximo com meus amigos.

Ágata Marcelo, 21, estudante

Observaria o entardecer e me sentiria especial por dar atenção aos gestos das pessoas. Coleciono algumas cartelas de adesivos, usaria todas. Uma situação extrema valeria o sacrifício.

Carla Hansen, 30, relações públicas

Faria uma festa com todos meus amigos e passaria a última noite com a minha família e meu namorado, comendo e bebendo tudo o que gosto. Providenciaria também a adoção de uma criança, pois não ia querer morrer sem antes ser mãe!

Foto: Mariana dos Santos



Tércio Ambrizi, pesquisador do Departamento de Ciências Astronômicas da USP

Com a faca e o queijo na mão

Já pensou que você pode ser a causa do fim do mundo e não um evento astronômico? Não? Mas vai pensar agora.

Nós, terráqueos, através da degradação do meio ambiente e de práticas poluentes, intensificamos o efeito estufa e com isso causamos o aquecimento global. “Nós temos degradado muito o meio ambiente, cada vez que se constrói uma cidade, você está substituindo áreas verdes por asfalto e isso modifica o padrão de temperatura”, explica o professor titular do Departamento de Ciências Astronômicas da USP, Tércio Ambrizi.

Nosso planeta possui uma variabilidade de clima próprio, o que quer dizer que nós não somos os únicos responsáveis por todo esse calor ou frio. Mas “se existe uma tendência de aquecimento, o que nós fizemos foi acelerá-la”, esclarece.

Ao ser questionado se o aquecimento global pode pôr um fim à nossa vida, Ambrizi afirma: “Não dá para dizer que chega ao fim do mundo, mas ele vai ser muito modificado. A humanidade pode não terminar, mas vai sofrer muito em termos de mudanças”.

O doutor em Ciências Políticas, Luiz Gabriel, tem uma opinião semelhante. “Nós queremos antecipar o

fim, chegar logo nele. O ser humano é a única espécie que tem uma relação extremamente predatória com essa grande nave, em que viajamos, a nossa Terra”.

Outra teoria que está ligada com a ação humana é a Guerra Nuclear. Nela, é abordada a tese de que dois países entrariam em guerra e utilizariam suas tecnologias nucleares uns contra os outros. Para Roberto Ortiz, a hipótese não é válida, pois um governo não lançaria uma bomba que aniquilasse o mundo e sua própria nação. “É uma estratégia política, você não vai usar uma arma que vai destruir a si mesmo”, explica.

Já Pedro Almeida considera pouco provável que a população mundial sobreviva a um ataque nuclear. “Quem sobreviver terá sequelas, podem não ser imediatas, mas seus descendentes apresentarão deformações genéticas, como foi em Hiroshima. Por se tratar de um evento imediato, será inviável para o ser humano se adaptar tão rápido aos efeitos”, conclui.

Mas, se esse tipo de guerra ocorrer, Ortiz afirma que não será letal. “Diretamente serão afetados os países envolvidos, os demais vão sofrer os efeitos indiretos. Haverá dano na herança genética, falta de alimentos, mas não a ponto de liquidar a humanidade”, finaliza Ortiz.

Com toda essa enxurrada de teorias, o que fica para debater depois do almoço? O doutor em Psicologia Paulo Camargo tem sua concepção: “A minha tendência é não acreditar no primeiro momento. A não ser que a situação se configure com mais força e é nesse ponto que eu passo a acreditar mesmo”.



Em caso de uma guerra nuclear mundial, não haveria vencedores

Ilustração: Humberto Alencar

PREPARE-SE!

Nem tudo é tragédia quando falamos sobre o Fim do Mundo. Pensando assim, separamos para você uma lista de músicas, filmes e livros que vão te ajudar a se preparar para esse momento crucial! Aproveite o momento para se inspirar e aprender. Fim do mundo também é arte!

Músicas

Um minuto para o fim do mundo – CPM22

High Way To Hell - ACDC

It's The End Of The World As We Know – REM

Apocalypse Please - MUSE

Radioactive – Imagine Dragons

Filmes

Wall-E (2008)

O robô Wall-E sentimentalista e carismático apresenta a nova situação do planeta em um desenho cheio de amor, amizade e encanto.

Foto: Divulgação



Melancholia (2011)

O filme explora o lado psicológico das personagens Justin e Michael, e põe em xeque suas habilidades para lidar com o fim do mundo.

Os vingadores – A Era de Ultron (2015)

Tony Stark tenta reiniciar um programa de manutenção de paz e algo dá errado. Os super-heróis mais poderosos da Terra terão que se unir para salvar o planeta da ameaça Ultron.

The 100 - (2014)

Passados 97 anos de uma guerra nuclear que destruiu o planeta, 100 adolescentes são enviados à Terra para verificar se ela é habitável.

Cosmos: Uma viagem pessoal - (1980)

A minissérie apresenta temas científicos de maneira ampla, desde a origem da vida até o futuro da humanidade.

Livros

Um Cântico para Leibowitz - Walter M. Miller Jr. (1960)

Após uma guerra nuclear acabar com grande parte da Terra, monges tentam preservar livros que podem salvar o que sobrou da humanidade.

A Estrada - Cormac McCarthy (2006)

A ficção pós-apocalíptica acompanha a jornada de um pai e seu filho, que tentam sobreviver em um mundo afetado por uma tragédia ambiental.

Emergência - Este Livro Vai Salvar Sua Vida -

Neil Strauss (2011)

Preocupado com a segurança da população, o autor desenvolveu um plano de emergência para enfrentar uma situação caótica.

A Hospedeira - Stephenie Meyer (2008)

A Terra foi invadida por um inimigo alienígena. É nesse cenário que Melanie (humana) conhece Peregrina (invasora). Os acontecimentos fazem das duas improváveis aliadas nesse mundo perigoso.

Brilho: Em Busca de um Novo Mundo –

Amy Ryan (2013)

O planeta Terra foi totalmente destruído e duas espaçonaves com sobreviventes procuram um novo lar. Em uma delas, uma menina de 15 anos é obrigada a engravidar para dar continuidade ao homem.

“Fechei os olhos, entreguei a alma a Deus e esperei o tiro”

KLESTER CAVALCANTI



Foto: Ingrid Alves

“Fui torturado, ameaçado de morte, passei seis dias na penitenciária, numa cela com mais de 20 presos, todos árabes, mulçumanos, eu era o único estrangeiro, não mulçumano, o único jornalista”, conta Klester Cavalcanti, 46 anos, sobre sua experiência na Síria, em maio de 2012. Ainda criança, morou dois anos no Rio de Janeiro, mas voltou para Recife, sua terra natal, onde se formou em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Um pouco antes dos 30 anos se tornou correspondente da revista Veja na Amazônia, tendo mudado para São Paulo em 2000. Já trabalhou em grandes veículos, como a revista IstoÉ e o jornal O Estado de S. Paulo.

Aos 20 anos de carreira, Klester lança seu quinto livro, “A Dama da Liberdade” (Editora Benvirá, 2015), que fala sobre a escravidão contemporânea no Brasil. As três obras anteriores, “Viúvas da Terra” (2004), “O Nome da Morte” (2006) e “Dias de Inferno na Síria” (2012) receberam o Prêmio Jabuti de Literatura, a mais importante premiação literária do país. Também conquistou prêmios de relevância internacional, como o de Melhor Reportagem Ambiental da América do Sul, conferido pela agência de notícias Reuters e pela IUCN (União Mundial para a Natureza), além do Natali Prize, a mais importante premiação de jornalismo de Direitos Humanos do mundo.

Origens: De toda sua experiência jornalística, o que você acredita que se aproximou mais de um “fim de mundo”?

Klester Cavalcanti: Quando fui preso na Síria. Antes de me levarem para o presídio, fui para uma delegacia improvisada em um prédio público. Lá um rapaz bem jovem colocou um fuzil na minha nuca e me conduziu por um corredor estreito e escuro. Fomos descendo uma escada, e quanto mais descíamos, mais escuro ficava... Até chegarmos ao que me pareceu ser uma parede. Então, achei

Klester Cavalcanti no lançamento do seu quinto livro, A Dama da Liberdade

que não havia saída. Fechei os olhos, entreguei a alma a Deus e esperei o tiro. Foi o momento mais tenso da minha vida, porque tive certeza absoluta de que iria morrer.

Fora esse momento crucial, vi muitas outras desgraças na vida. Na Síria fiz a foto de uma bomba caindo em cima do povo, as pessoas na rua, desesperadas, e tudo sendo destruído. No livro novo, conto a história de um cara que foi escravizado durante 19 anos; trabalhou em uma fazenda, sem férias, operando uma motosserra, o que o deixou surdo de um ouvido. Hoje, no século 21, isso é o fim do mundo!

Origens: A sua vivência como jornalista, fazendo grandes reportagens e livros sobre temas complexos, fez com que sua visão a respeito do mundo mudasse?

Klester: Isso que o Brasil assiste pela TV, vê na internet, sempre a distância, eu vi de verdade, eu estava lá. É muito triste! Você vê pessoas morrendo, civis, crianças que não têm nada a ver com a guerra sendo massacradas. Homs, onde fui preso, era uma cidade muito linda, moderna, hoje está totalmente destruída.

Mas na Síria também encontrei pessoas bacanas na polícia, no exército, dentro do presídio. Na cela em que fiquei fiz amigos, quando eu estava desesperado, eles me davam força, me consolavam. Encontrei respeito, amizade, confiança dentro de um presídio, no meio da guerra. Assim como tem muita gente mau caráter, picareta, maldosa, sacana, também tem gente boa. Por um lado, eu fico muito desesperançado; mas pelo outro, vejo que tem gente fazendo a diferença.

Origens: Como você acredita que “entrar de cabeça” nas histórias que apura soma ao produto final?

Klester: Eu acho importante ver e sentir as coisas de verdade para poder contar melhor. O caso da Síria foi atípico porque eu sou um dos personagens do livro, então em vários momentos a coisa está acontecendo comigo. Mas nas outras reportagens sempre tem essa coisa de eu ter visto e vivido tudo. São histórias que eu jamais poderia contar com tanta sensibilidade e profundidade se tivesse ficado em São Paulo, telefonando para as pessoas e falando com elas a distância. E isso é importante para qualquer trabalho jornalístico.

Origens: O que você acha indispensável em um bom jornalista?

Klester: Acho que a curiosidade é muito importante. Além disso, é preciso ser incansável, ter muita determi-



Foto: Larissa Greggio

O jornalista em palestra nas Faculdades Integradas Rio Branco

nação para ir atrás das coisas e ler muito para escrever bem. E é fundamental se interessar pela história do outro, pela dor do outro, pela alegria do outro.

Origens: Como é o Klester jornalista?

Klester: Tenho meu lado de executivo, de redação. Gosto de comandar equipes, de coordenar o processo de produção... Tenho prazer nisso! Também gosto muito de orientar repórteres mais jovens. Mas, no fundo, quem faz jornalismo é porque gosta da coisa da reportagem. Então, mesmo eu tendo me tornado executivo, consegui manter o meu lado repórter vivo através dos livros que escrevo.

Origens: Quais são seus planos para o futuro?

Klester: Três livros meus vão ser adaptados para o cinema: “O Nome da Morte”, que já está sendo feito, o da Síria e esse novo, “A Dama da Liberdade”. Eu adoro cinema, desde garoto, é um caminho que quero muito seguir. Recebi a proposta de dirigir um jornal fora de São Paulo. Tenho também projetos de novos livros. Na minha carreira, vou pegando o que me interessa, sempre com muita dedicação. Mas o futuro é só de Deus. Eu não gosto de traçar muitos planos não, eu gosto de executar.



Foto: Nathalia Franco

BUSCA INCESSANTE PELO FIM DE UMA DOR

Encontrar esperança e forças para superar obstáculos impostos pela vida pode ser tão desafiador quanto enfrentar o fim do mundo

O fim do mundo está muito além de explosões, catástrofes naturais ou pragas terríveis que posam exterminar a humanidade. Pode envolver o rompimento de laços afetivos e a descoberta de doenças tão graves que impõem um olhar diferenciado às pessoas que o vivenciam. Ao abrir a porta e se despedir da pessoa por quem se tem um sentimento imensurável, não se quer cogitar a possibilidade de que aquela face, da qual se descreve cada particularidade, nunca mais será vista. O vazio causado pela interrupção da convivência faz sofrer tanto quanto a incerteza sobre o que aconteceu: se foi vítima de agressões físicas ou psicológicas e, principalmente, se voltará aos braços de quem sempre estará esperando.

“Uma família movida pela mesma dor”: essas foram as palavras de Ivanise Esperidião da Silva Santos, presidente do Movimento Mães da Sé, criado no ano de 1996, após o desespero para encontrar a filha, que desapareceu a 120 metros de distância de casa, um ano antes.

A esperança na união

A Mães da Sé tem como nome oficial “Associação Brasileira de Busca e Defesa às Crianças Desaparecidas” (ABCD) e é uma entidade sem fins lucrativos. Os serviços são oferecidos gratuitamente e possibilitam a localização de pessoas por todo país. A associação visa dar apoio às famílias na luta pela busca de seus entes queridos desaparecidos.

A cada 15 dias, as mães se reúnem nas escadarias da catedral da Sé, em São Paulo, fazendo uma manifestação silenciosa com fotos e cartazes de seus filhos, como forma de chamar a atenção. As mães que, incansavelmente, se sentam em frente à igreja são movidas pela esperança de que, um dia, encontrarão seus filhos.

“Nosso objetivo é a troca de experiências, a palavra amiga. E, assim vamos sobrevivendo, pois não temos mais nenhum motivo para ter alegria. Nossa vida se transformou em um luto inacabável, faz 19 anos que eu não sei o que é deitar e dormir uma noite tranquila”, lamenta a porta-voz do movimento.

“Ele nunca mais foi visto”

Eliane Fernandes Pires, de 51 anos, sempre acompanhou, pela televisão, as mães sentadas na escadaria da igreja, entretanto, nunca imaginou um dia fazer parte da ONG. “Meu filho Ailton Botelho, que tinha problemas mentais, desapareceu no dia 3 de março de 1999, às 10 horas da manhã, com apenas 19 anos. Após sua festa de aniversário, Ailton me pediu para ir até a casa do pai dele e eu deixei”, afirmou a mãe. “Na quarta-feira, Ailton vestiu uma camiseta preta, bermuda verde, um chinelo e avisou a prima que iria

sair. Ele saiu da casa do pai e nunca mais foi visto. Mas eu estou aqui esperando e tenho fé em Deus, que um dia ele aparece”, conclui Eliane.

Maria Aparecida Corrêa, de 69 anos, não sabe o paradeiro do filho há quatro anos. Segundo ela, Silvio César Corrêa se encontrava num estado profundo de depressão e sumiu sem deixar rastros, em Santo André. Desde então, a mãe segue em busca do filho, que segundo relatos está vivo, mas sem memória. “Pessoas estão vendo meu filho constantemente e eu não consigo localizá-lo”, diz Maria

Aparecida. Apesar das recorrentes decepções, a expectativa se torna eterna, ao alimentar a possibilidade do reencontro. Em sua grande maioria, as famílias vítimas são de baixa renda e a ajuda do Estado não é suficiente. Com isso, existem parcerias da organização com agências de publicidades, com o intuito de divulgar e conscientizar a sociedade quanto a este problema social. A dor do desaparecimento de um ente próximo pode ser comparada ao descobrimento de uma doença grave, algo que pode ser incurável, como o câncer.

Em abril, a “Mães da Sé” promoveu com a agência NBS e a Canela Fina Filmes uma ação em comemoração aos 19 anos da ONG, chamada “Carteira Perdida”. O projeto acontece em diferentes shoppings na cidade de São Paulo, onde carteiras são encontradas com a seguinte mensagem: “Não dá para devolver essa carteira para o dono enquanto ele estiver desaparecido. Ajude a procurar”. As redes sociais têm papel essencial na divulgação das mensagens.



A família espera aflita desde 1999 pela volta de seu filho

Foto: Nathalia Franco

A 4ª Delegacia de Pessoas Desaparecidas do Departamento Estadual de Homicídios e Proteção a Pessoas (DHPP) informou que, dos 23.194 desaparecimentos registrados no estado de São Paulo em 2013, mais de 18 mil pessoas foram localizadas.

No ano passado, o índice foi de 87,3%, com 33.255 desaparecimentos registrados e 29.034 pessoas encontradas. Até fevereiro de 2015, a Delegacia de Pessoas Desaparecidas registrou 4.791 boletins de ocorrência e 1.957 pessoas foram localizadas.



O impacto de um diagnóstico

“O câncer não é o fim do mundo”. Esta é a certeza que move o trabalho de Maria Teresa Cruz, psiquiatra e diretora responsável pelo departamento de psicologia e psiquiatria do Hospital Antônio Cândido Camargo. O ambiente criado para o tratamento estimula a leveza e alegria do paciente. “Hoje em dia, a gente tem tantas formas de reverter a situação, que o câncer não é mais considerado uma sentença de morte”, enfatiza.

A maneira adotada para receber o indivíduo que descobre o câncer causa grande influência na evolução do tratamento. “Não há como fugir do primeiro impacto. Mas, com o passar do tempo, esta sensação dá espaço para a vontade de superar esta enfermidade”, ressalta Maria Teresa.

Entretanto, não somente o doente necessita de um acompanhamento especial. Para auxiliar na compreen-

são e aceitação desta adversidade, os parentes também são sujeitos a atividades psicológicas. Afinal, tudo aquilo que está próximo ao paciente, serve como estímulo negativo ou positivo durante a jornada. Assim como acontece com todos os indivíduos, como avaliou a diretora: “Cada um de nós tem uma história. Cada um tem um passado, uma família, e isso nos faz únicos no adoecer”.

Apesar da gravidade do diagnóstico, Maria Tereza aponta que, em média, 55% dos pacientes necessitam de atenção psicológica. Nos casos em que este reforço não é necessário, a pessoa tem recursos suficientes para encarar este obstáculo sem a intervenção. Mesmo assim, cada tipo de câncer é recebido com determinada intensidade. “Uma coisa é você ter um câncer de pele simples, outra coisa são aqueles que causam sequelas”, completa.



Foto: Caroline Marques

“Cada um de nós tem uma história. Cada um tem um passado, uma família, e isso nos faz únicos no adoecer”

O câncer como renovação

Em alguns casos, o câncer não leva vidas, porém, a sensação que esta passagem indesejada causa se aproxima à dor da perda. Elisângela Nery, de 33 anos, descobriu o câncer de mama no ano passado, no dia do aniversário. “Eu tinha acabado de amamentar a minha filha e senti um nódulo diferente no meu seio”, conta. Como se não bastasse, a notícia chegou quatro anos após perder a mãe, que foi vítima da mesma doença.

Elisângela foi ágil e decidiu procurar um mastologista, profissional especializado em glândulas mamárias, com o intuito de potencializar o acompanhamento ginecológico que ela já fazia periodicamente. “O médico pediu para eu fazer uma biópsia e disse pra eu ficar tranquila. Ele mesmo se surpreendeu com o diagnóstico maligno”.

Por tudo que a paciente já havia enfrentado, saber que seria vítima do câncer fez com que ela ficasse inicialmente abalada. “Qualquer outra palavra é mais fácil de ouvir. Mas câncer é muito mais complicado. A gente pensa que é o fim”. As experiências vivenciadas anteriormente têm efeito direto nos fatos que se sucedem no presente.

Quase um ano após a descoberta da doença, mantendo os acompanhamentos recomendados, Elisângela encontrou o sentido do recomeço e é a prova viva de que este vilão pode ser derrubado. “Fiz a quimioterapia, cirurgia e, graças a Deus, estou muito bem.” Ela também encontrou uma alternativa criativa para um dos momentos mais dolorosos do tratamento, principalmente para as mulheres: “Eu fiz uma peruca com o meu cabelo que caiu e uso para sair. Ficou muito natural. Todo mundo elogia”.



Foto: Divulgação

Maria Teresa Cruz, psiquiatra do hospital Antônio Cândido Camargo

LIÇÕES DO CÁRCERE

Além das grades, há luz. Ex-detentos relatam suas experiências de reclusão e afirmam que é possível sobreviver a esse fim do mundo

“Querendo ou não, é um recomeço”. Após três meses de recluso no 33º DP de Pirituba, por não pagar pensão, o carregador de carretas Reinaldo Amaral Silva, de 37 anos, sentiu-se vivo novamente ao pôr os pés fora do presídio. Apesar do curto tempo passado longe dos ares da liberdade, Reinaldo reconhece que é difícil viver naquelas condições. Hoje, acredita que sobreviveu ao fim do mundo.

O montador de divisórias Diego de Carvalho Lima, de 26 anos, também já testemunhou o seu. Detido por roubo, passou por um CDP (Centro de Detenção Provisória) antes de ser transferido ao presídio Franco da Rocha. Dois anos na

cadeia foram suficientes para que ele presenciasse as amarguras de uma vida enclausurada. Os dias parecem mais longos e as noites nunca são tranquilas. “Quando preso eu não dormia. A pessoa que consegue dormir dentro de uma cadeia não está nem aí para a vida”, afirma.

Para Diego, Reinaldo e tantas outras pessoas, a solidão do cárcere parece não ter fim. “Às vezes eu tinha a sensação de ter nascido ali. Foram dois anos e meio raciocinando sobre tudo que fiz”, relembra Diego. Mesmo amargo, o fundo do poço serviu de aprendizado para o jovem: “Planejava uma vida honesta aqui fora. Busquei em livros um refúgio. Hoje colho os frutos do que

A experiência é dura, mas o período de reclusão pode reservar aprendizados



Foto: Divulgação

O pós fim do mundo pode iniciar no momento em que menos se espera

semei lá dentro, vivo do jeito que sonhei. Tenho um emprego fixo, minha filha e minha mulher”.

Histórias como estas não são raridade no Brasil. Em 2014, um levantamento feito pelo Conselho Nacional de Justiça revelou que a população carcerária do país é de 715.655 presos. Num ranking mundial, o país ocupa a terceira posição, perdendo apenas para Estados Unidos e China, segundo o Centro Internacional de Estudos Prisionais do King's College, de Londres.

O quadro torna-se ainda mais sintomático quando as condições das cadeias brasileiras são avaliadas. Uma matéria de 2011 da Revista Jurídica (publicação mensal da Editora Escala especializada em Direito) aponta que o sistema carcerário sofre com a superlotação e o descaso do poder público. O texto pontua que, para sanar esta crise, as ações não devem partir apenas da classe política: é preciso erradicar os preconceitos em relação ao preso e ao ex-presidiário na sociedade.

As perspectivas, porém, são positivas, segundo o professor de Direito e Administração das Faculdades Integradas Rio Branco, Anderson Souza Daura. “Hoje em dia, o investimento nas cidades em que há presídios é bom, principalmente em São Paulo”, afirma. O professor reconhece as dificuldades enfrentadas por ex-detentos ao se reintegrarem ao mercado de trabalho, mas reitera que “mesmo com um espaço restrito, eles têm o apoio dos programas governamentais”.

A experiência é dura, mas o período de reclusão pode reservar aprendizados. É o que garante Reinaldo. “Antes de ser preso eu era bem largado, deixava a folga me dominar. Lá dentro eu aprendi na marra, foi bom pra mim”, reflete. “Hoje sou bem mais responsável, tenho o carinho da minha família, principalmente do meu filho, que mora comigo”. Mesmo após tantas dificuldades, o carregador de carretas conclui, aliviado: “A gente vive bem!”.

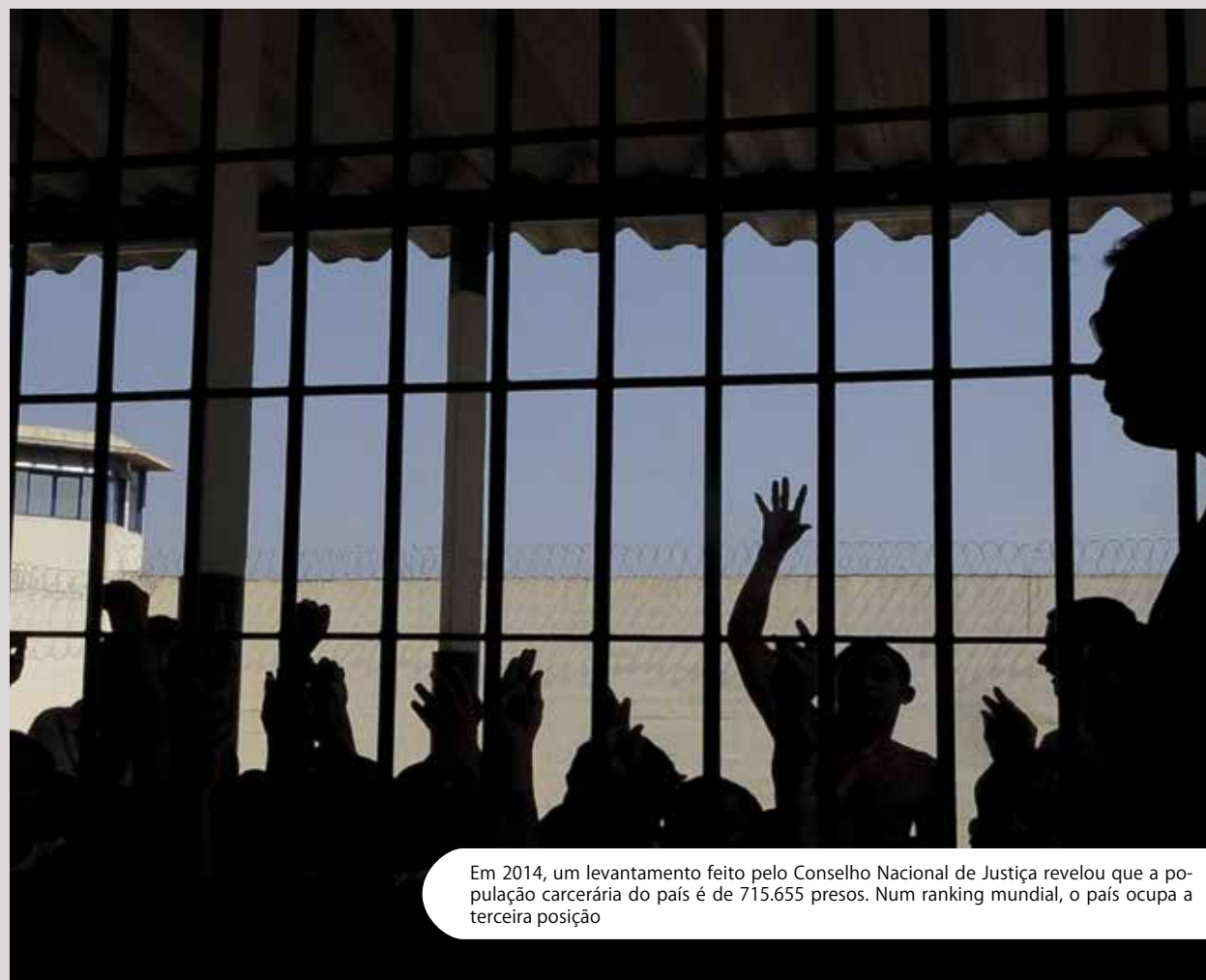


Foto: Wilson Dias

Em 2014, um levantamento feito pelo Conselho Nacional de Justiça revelou que a população carcerária do país é de 715.655 presos. Num ranking mundial, o país ocupa a terceira posição

ORIGENS

as histórias por trás da revista

Logo no início do período letivo, os alunos do 5º semestre foram informados que, novamente, seriam incumbidos da missão de construir a nova edição da revista *Origens*. Mesmo não sendo a estreia da turma, o ar de desafio mais uma vez dominou a sala. Primeiro porque desta vez, não só os textos, mas edição e diagramação também ficariam por conta dos aprendizes. E segundo pelo eixo temático proposto: o Fim do Mundo.

Se a princípio a ideia pareceu um tanto demodê, com ares de 2012, logo a criatividade dos focas demonstrou que é possível abordar o tema sob diversas óticas sem se distanciar da atualidade que pede o jornalismo. Crianças, ex-presidários, motoristas, cientistas e roqueiros saudosos – desde a primeira reunião de pauta, as propostas apresentadas comprovaram que, definitivamente, o Fim do Mundo não está só na ficção científica.

Pautas aprovadas, chega a hora de executar o desafio. E é então que as coisas começam a complicar para algumas equipes. Se a imaginação fértil e a descontração das crianças poderiam ajudar a enxergar o Fim do Mundo pelos olhos dos pequeninos, a precaução dos adultos dificultou essa tarefa. Preocupadas com a suposta gravidade do assunto, quatro escolas recusaram o acesso das repórteres Jacqueline Altopiedi e Camila Barbieri aos alunos. Somente na quinta tentativa, o Colégio Gondim abriu as portas para as alunas que, com o auxílio de profissionais da psicologia, puderam realizar sua matéria.

Se lidar com crianças foi uma tarefa árdua, entender alguns adultos também não foi tão simples. Encarregadas da missão de desvendar as teorias científicas que sustentam a hipótese que o mundo terá seu fim, Camila Ramires, Gabriela Alencar e Mariana dos Santos mergulharam nos mundos da física e da astronomia para compreender o que dizem os cientistas. Neste caso, o maior desafio da equipe foi entender os inúmeros termos técnicos e transformá-los em uma linguagem acessível a todos.

Seguindo no rumo contrário, algumas pautas que poderiam ser mais densas fluíram sem muitas dificuldades. Camila Santos, Carolina Marques e Nathalia Franco saíram em busca de experiências pessoais de fim de mundo. Para retratar este sentimento, as repórteres foram às ruas conhecer as histórias de pessoas que enfrentam o câncer e de mães cujos filhos estão desaparecidos. Apesar da delicadeza dos assuntos, o texto foi concluído sem contratempos.



Professora Renata Carraro em reunião com a equipe

Foto: Giovana Meneguim

Esta fluidez, porém, não fez presença em todas as matérias. ‘Pela sobrevivência dos três acordes’, por exemplo, foi concebida como um perfil peculiar – o da Galeria do Rock. A proposta inicial da dupla Fernanda Clas e Ingrid Alves era registrar as perspectivas do fim pelo olhar dos amantes do estilo musical que, por tantas vezes, já foi declarado morto. Contudo, a pauta sofreu uma guinada durante a execução. A entrevista com Luiz Calanca, figura icônica da Galeria, acabou rendendo mais que o esperado, e o personagem tornou-se protagonista.

Durante cinco meses de aulas, debates, orientações e acaloradas reuniões de pauta, o time de futuros jornalistas pôde, mais uma vez, demonstrar seu afincamento pela profissão escolhida. O resultado dos esforços e aprendizados da equipe pode ser apreciado na terceira edição de *Origens*.

QUANDO A CORTINA FECHAR, QUAL SERÁ SEU ÚLTIMO ATO?

Ilustração por: Humberto de Alencar

Sabe aquela sensação que você tem quando perde o ônibus ou quando sabe que dava para comer mais brigadeiros e não comeu por vergonha? O fim do mundo meus queridos, ou pelo menos a sensação dele, é algo assim.

E a melhor metáfora para explicar esse sentimento é essa, então acompanhe raciocínio ou apenas leia o resto desse texto, dá no mesmo. Você não tem aquela impressão de que se não fizer algo extremamente insano para aproveitar seus últimos suspiros, parece que sua vida não valeu a pena?

Mas espera aí, desse jeito parece que já passamos várias vezes pelo fim do mundo, e que eu estou seguindo uma linha hollywoodiana de pensamento, mas quem não quer morrer em grande estilo?

Eu pelo menos quero. E porque só querer fazer com que nossa vida faça sentido, quando não temos mais tempo? Meu primo tem a resposta: "Porque quando não se tem nada a perder, não existe vergonha na cara".

Querido, o mundo está acabando, são seus últimos fôlegos, faça o que te der na telha e os outros que morreram pensando o que quiser

de você. Quer não fazer nada? Não faça (ou no caso faça?). O ponto é que a iminência do fim nos proporciona duas coisas: a) desapego pelo próximo e b) exaltação do nosso egoísmo. E se você já tem tendência para esses dois itens, olha que coisa boa, nem é necessário se esforçar.

Calma, estou esquecendo algo importantíssimo: o *carpe diem*, minha gente! Esquece essa droga. Ninguém o segue e jamais vai segui-lo. Avril Lavigne que me desculpe, mas não dá para viver o hoje como se fosse o meu último dia. Não dá para ser fabulosa sempre.

Veja, o meu caso, por exemplo. As pessoas formam suas opiniões sobre mim, baseadas naquilo que elas acham que eu não faço. O quê? Só porque eu não jogo minhas habilidades da cara de vocês, não quer dizer que eu não as tenha. Meros mortais, não sabem que na hora do desfecho nada disso vai importar. Você tem

que se preocupar com a sua morte e não com os meus não atos.

Estou perdendo o foco? Provavelmente sim. Um último questionamento. Que mundo é esse em que nada do que você faz está certo? Eu te digo: esse aí que você vive.

Ps.: Dedico esse texto a todos aqueles que me acham insignificante. Essa é para vocês, queridos!



A Origens é 100% produzida pelos alunos de Jornalismo e Editoração das Faculdades Integradas Rio Branco

Quem participou dessa edição:



Camila Barbieri
19 anos, uma grande jornalista em um futuro próximo. Cheia de sonhos e determinada.



Jacqueline Altopiedi
Tem o riso fácil e não é chata. Por fora parece durona, por dentro só uma menina cheia de sonhos.



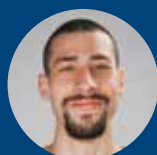
Fernanda Clas
Leitora compulsiva, apaixonada por fotojornalismo, cinema, pintura e tudo que envolva muita cor.



Ingrid Alves
Vinte e um anos, estudante de jornalismo e gestora do projeto de educomunicação "Click, um olhar".



Giovana Meneguim
Dedicada a mostrar, pela objetividade de sua lente, o que o mundo pode nos oferecer de verdade.



Nathan Rodrigues
Revisor oficial dos trabalhos do grupo, tem fortes tendências ao jornalismo cultural e literário.



Flávia K. Mendes
Tranquila, adora livros, séries, cultura e gastronomia. Gosta de viajar para conhecer lugares novos e curtir a vida.



Luciana Natel
Traz a ansiedade no olhar e o ponto de equilíbrio quando se faz necessário rebobinar a fita e recomeçar.



Mariana Penteadó
Jornalista em (trans)formação. Ariana e impaciente, 22 anos, apaixonada por música e livros.



Camila Ramires
Jornalista desde os 9, sempre falante. Amante de história e política, poço de cultura (in)útil.



Gabriela Alencar
Ama livros. Desastrada e tímida, mas um pouco tagarela. Será esta a combinação para o sucesso?



Mariana dos Santos
A vida é muito curta para desperdiçá-la. Viver é melhor que sonhar e ser é melhor que imaginar.



Camila Santos
Dedicação, amor, gentileza e persistência. Palavras-chave na vida dessa libriana.



Nathalia Moraes Franco
Criativa e sorridente, espontaneidade é o seu forte. É apaixonada por cachorros e por uma vida leve e intensa.



Caroline Marques
20 anos. Virginiana. Curiosa. Detalhista. Inquieta. Apaixonada por moda e futura comunicóloga.



Raphael Paulino
Verdadeiro, enxergo em sorrisos e no jornalismo a esperança de um mundo melhor. Alto, me ligue.

Seu futuro começa aqui



FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL

GRADUAÇÃO

Comunicação Social:
Rádio e TV
Editoração
Jornalismo
Relações Públicas
Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO

Design

PÓS-GRADUAÇÃO

Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte
MBA em Branding Innovation
MBA em Comunicação Corporativa

TECNÓLOGO

Produção Audiovisual

EXTENSÃO EAD

Jornalismo Esportivo

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP

UNIDADE HIGIENÓPOLIS - Av. Higienópolis, 996, São Paulo - SP

UNIDADE GRANJA VIANNA - Rod. Raposo Tavares, 7.200 (km 24) Cotia - SP



Faculdades Integradas
Rio Branco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

Veja no site itinerários de ônibus gratuito rio branco

CENTRAL DE ATENDIMENTO 0800165521

Jornal tem que ser

diário de S. Paulo



REDE BOM DIA

Campinas



Bauru



Jundiaí



Sorocaba



São José do Rio Preto



ABCD



Leitura rápida e descomplicada, formato ideal para portabilidade

Esportes
Cultura
Política
Automóveis

Economia
Turismo
Colunistas
Beleza